

Jornal Dá Licença

PROEX-SIGProj MEC 400761.2247.48603.18042024

ISSN 2236-899X

ANO XXV

Nº 87

DEZEMBRO 2024

NESTE NÚMERO...

ÍNDICE

TROCANDO EM MIÚDOS - -	2-6
NA ONDA DO EMAR - -	6-7
EVENTOS - - - - -	8
LIVROS E LEITURA - - - - -	8
VOZ DO DA - - - - -	8-9
EVENTOS ONLINE - - - - -	9-10



O Jornal Dá Licença traz os quadros já consagrados “Trocando Miúdos” e “Na onda do EMAR” trazendo mais uma dica e eventos super interessantes!

Nesta edição, também trouxemos a homenagem do Programa Dá Licença e a Premiação do HQEM na coluna “Eventos” e uma resenha em “Livros e Leituras”.

Além disso, o Diretório Acadêmico do Instituto de Matemática e Estatística da UFF trouxe uma pequena discussão na coluna “Voz do DA” e claro, não poderíamos deixar de fora o sucesso de mais um Encontro Internacional do GeoGebra em Língua Portuguesa.

Boa leitura!

EXPEDIENTE



Coordenador:

Prof Wanderley Moura Rezende (GMA/IME)

Docentes colaboradores:

Prof. Adriano Vargas Freitas (SSE/FE)

Prof. Jones Colombo (GAN/IME)

Profª Luciana Prado Moura Pena (GMA/IME)

Profª. Natasha Cardoso Dias (GMA/IME)

Prof. Paulo Trales (GAN/IME)

Prof. Viviana Lorena Vargas Grajales (GGM/UFF)

Prof. Humberto José Bortolossi (GMA/UFF)

Composição e Programação Visual:

Evelyn Murad

Discente colaboradora:

Júlia Vasconcelos

Colaboradores voluntários:

Danilo Magalhães Farias

Ewertton Rocha Vital



TROCANDO EM MIÚDOS

10 DICAS PARA PROFESSORES DE MATEMÁTICA DE ALUNOS SURDOS

POR VIVIANA LORENA VARGAS GRAJALES
Professora da UFF

Ensinar matemática em turmas com estudantes surdos pode representar um desafio, no entanto, o primeiro e mais importante passo é estar aberto e disposto a enfrentar essa experiência e aprender dela. Este artigo apresenta 10 orientações práticas e reflexões que podem auxiliar os professores nessa jornada.

Conheça seu aluno surdo

O universo surdo apresenta uma grande diversidade, por isso é importante que o professor conheça as características do seu estudante surdo. Um aluno pode ser surdo sinalizante, surdo oralizado que utiliza leitura labial, surdo oralizado que não faz leitura labial, surdo bilíngue, surdo com aparelho auditivo ou implante que pode optar pelo uso da língua de sinais, da língua oral, ou de ambas, etc. Estas características são influenciadas por fatores como o momento em que ocorreu a perda auditiva, seu grau e tipo, além de escolhas pessoais que refletem sua identidade.

Os surdos oralizados são aqueles que aprenderam a falar a língua oral. Eles podem ou não utilizar tecnologia auditiva como o aparelho de amplificação sonora individual, implante coclear entre outros, podem ou não fazer leitura labial, podem ou não usar língua de sinais. Entre os surdos oralizados estão aqueles que são surdos desde o nascimento e passaram por reabilitação auditiva e terapia

fonoaudiológica, bem como aqueles que perderam a audição após já terem adquirido a fala ou dominado as regras de língua oral. Por outro lado tem os surdos que optam por usar a língua de sinais como principal forma de comunicação e expressão. Mais do que uma escolha linguística, esses indivíduos formam uma comunidade com sua própria cultura.

O conhecimento que o professor tem do aluno ajuda a desenvolver estratégias que ajudem a manter a atenção do aluno e facilitar tanto a compreensão da fala do professor quanto do conteúdo. No caso de alunos que fazem leitura labial, por exemplo, recomenda-se: posicionar-se em um local visível para o aluno, evitar virar o rosto ou dar as costas enquanto fala, evitar o uso de bigode ou barba que cobre os lábios, além de adotar um ritmo de fala natural, evitando falar muito devagar ou muito rápido. Se o aluno usa um aparelho auditivo, é importante evitar ambientes ruidosos ou com eco, não falar gritando nem muito baixo, e manter uma distância adequada ao alcance do microfone do aparelho. No caso do aluno que usa principalmente a língua de sinais como forma de comunicação é importante assegurar a presença do intérprete, conhecer a cultura surda e promover a interação entre todos os alunos, garantindo que o aluno surdo participe das atividades e não seja apenas

um observador.

Conceba a surdez como uma diferença

Existem duas principais perspectivas da surdez: a clínico-terapêutica e a sócio-antropológica. A primeira considera o surdo como uma pessoa com uma deficiência que precisa de intervenções médicas e terapêuticas para “normalizar” a pessoa surda, com a ideia dela conseguir falar e/ou ouvir. Segundo Pereira (2007),

A educação desde a perspectiva clínico-patológica de surdez, entende que os alunos surdos têm uma dificuldade natural e são concebidos como deficientes, não há o devido investimento por parte dos educadores e da família (apud Ramos 2013, Pág 21).

Por outro lado, a perspectiva sócio-antropológica compreende a surdez não como uma deficiência a ser tratada, mas sim como uma diferença humana. Essa concepção valoriza a forma visual com que os surdos percebem e interagem com o mundo, além de reconhecer sua identidade cultural frequentemente mediada pela Língua de sinais. No contexto escolar, quando o professor tem essa concepção de surdez, ele entende que sua metodologia de ensino deve estar alinhada com a cultura e a experiência visual do aluno.

Use e abuse de recursos visuais

O Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, define a pessoa surda como aquela que, por ter perda auditiva, compreende e in-

terage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Essa definição ressalta a centralidade da experiência visual no modo como o surdo captura e interage com o mundo. No contexto educativo:

O elemento visual configura-se como um dos principais facilitadores do desenvolvimento da aprendizagem dos surdos. As estratégias metodológicas utilizadas na educação devem necessariamente privilegiar os recursos visuais como um meio facilitador do pensamento, da criatividade e da linguagem visuoespacial (SALES, 2004, p.10).

Portanto, para promover a construção e aprendizagem de conceitos, o professor deve reconhecer o aluno como um sujeito visual e desenvolver estratégias que incluam o uso de recursos visuais. Alinhado com essa ideia está a pedagogia visual, que de acordo com Perlin (2000):

sugere-se a organização de uma pedagogia visual que contemple a elaboração do currículo, didática, disciplina, estratégia, contação de história ou estória, jogos educativos, envolvimento da cultura artística, cultura visual, desenvolvimento da criatividade plástica, visual e infantil das artes visuais, utilização da linguagem de Sign Writing (escrita de sinais) na informática, recursos visuais, sua pedagogia crítica e suas ferramentas e práticas, concepção do mundo através da subjetividade e objetividade com as "experiências visuais". (apud, Campello 2007, p. 129.)

Dessa forma a pedagogia visual, não se limita ao uso de recursos visuais, envolve uma perspectiva ampla que reconhece a experiência visual como eixo central no ensino para alunos surdos. No contexto da aula de matemática algumas práticas recomendadas incluem:

- Uso de esquemas e diferentes

cores para diferenciar elementos e enfatizar conexões;

- Uso de sublinhado, letras em negrito e maiúsculas para ressaltar conteúdos e informações importantes;
- Uso de materiais manipuláveis que permitam a visualização de conceitos matemáticos. Por exemplo: material dourado, torres de Hanoi, sólidos geométricos tridimensionais, etc;
- Uso de recursos computacionais como softwares e aplicativos que ajudam a apresentar conteúdos de forma visual e dinâmica. Além de o professor usar para apresentar os assuntos, também é importante que o estudante tenha a possibilidade de interagir diretamente com o recurso, seja através de celular ou computador. Exemplos deste tipo de recurso são: Geogebra, Desmos, Wolfram Alpha, etc;
- Uso de vídeos: o meio digital tem uma enorme variedade de vídeos sobre os mais diversos assuntos, que podemos utilizar para reforçar os conteúdos trabalhados em sala de aula. O ideal é selecionar vídeos que apresentem de forma visual e dinâmica os temas matemáticos e cuja língua principal seja a Libras. Contudo, encontrar vídeos específicos de matemática em Libras ainda é um desafio. Diante disso, podemos recorrer a vídeos que possuam tradução em Libras, e/ou legendas.

Simplifique as informações escritas

Alguns surdos enfrentam dificuldade com o português escrito,

como Gesser explica:

A escrita é uma habilidade cognitiva que demanda esforço de todos (surdos, ouvintes, ricos, pobres, homens, mulheres...) e geralmente é desenvolvida quando se recebe instrução formal. Entretanto, o fato de a escrita ter uma relação fônica com a língua oral pode e de fato estabelece outro desafio para o surdo: reconhecer uma realidade fônica que não lhe é familiar acusticamente. (Gesser, 2009 p. 56)

Devido a isso, para promover uma melhor comunicação escrita, é recomendado simplificar as informações, utilizando palavras simples e frases curtas e organizar os textos em forma de tópicos, evitando assim parágrafos longos. Essa prática pode ser aplicada em diversos contextos, como durante as aulas, na elaboração de provas e tarefas, no envio de emails, entre outros.

Gesser ressalta que tanto o português escrito como o oral do surdo são frequentemente estigmatizados por não atenderem aos padrões linguísticos estabelecidos pela maioria ouvinte. Diante disso, é importante que o professor reconheça a diversidade linguística, e compreenda que a relação do surdo com a escrita da língua oral é distinta (Gesser, 2009 p. 57).

Deixe claro os prazos e informações importantes

Durante o processo de interpretação, algumas informações podem ser transmitidas de forma rápida ou mesmo se perderem, fazendo com que o aluno deixe de apresentar alguma atividade ou perca detalhes importantes. Para evitar isso, é recomendado que os prazos de entrega de atividades e avaliações sejam dados de forma clara e específica, por exemplo sendo apresentados de forma escrita,

enviados por e-mail ou através de outros meios digitais.

Nesse sentido, é possível aplicar as estratégias mencionadas anteriormente, como o uso de recursos visuais e a simplificação de informações. Por exemplo, utilizando o sublinhado, letras maiúsculas ou em negrito para destacar informações e organizando os conteúdos em tópicos de forma simplificada.

Dirija-se diretamente ao aluno surdo e incentive sua participação

Uma prática comum entre os ouvintes é dirigir-se ao intérprete de língua de sinais, em vez de se comunicar diretamente com a pessoa surda, que é o verdadeiro interlocutor. Expressões como: “fala para ele..”, “pergunta para ela” exemplificam essa atitude. É importante que o professor fale diretamente ao aluno surdo, e não ao intérprete, ou seja, olhando para pessoa surda e usando as palavras “você”, “tu” durante a conversa. Dessa forma o professor reconhece a presença do aluno, mostra respeito e ajuda a fortalecer a relação professor-aluno.

Além disso, o professor deve incentivar o aluno a fazer perguntas e expressar suas ideias em sua língua, isso ajuda a desenvolver sua confiança e habilidades de comunicação. É importante também que o professor promova a interação entre os alunos surdos e ouvintes.

Não esqueça que você é o professor

A comunicação entre o professor e o aluno surdo é mediada pela atuação do tradutor-intérprete de língua de sinais educacional (TILSE), cuja presença em ambientes educacionais foi garantida pelo

Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, como uma forma de possibilitar o acesso à comunicação, à informação e aos conteúdos. O trabalho desse profissional possibilita que o aluno consiga acessar, em sua língua, o conteúdo que está sendo apresentado pelo professor, além de facilitar outras interações, como aquelas com os colegas de aula.

Desta forma, é comum que o aluno surdo desenvolva um contato mais direto com o TILSE do que com o professor, dado que é com o intérprete que o aluno consegue se comunicar de forma fluente em sua língua, o que gera maior conforto e confiança. Como resultado, o aluno tende a discutir o conteúdo e direcionar suas dúvidas diretamente ao intérprete. Essa dinâmica levanta a discussão sobre qual é o papel do intérprete em sala de aula. Sobre esse assunto, segundo Pinto:

O Intérprete Educacional de Libras (IEL) é um parceiro e é o especialista na questão da Libras e, eventualmente, ainda mais experiente nas relações de ensino para surdos – mas nunca deve ser aquele a quem compete tirar as dúvidas do surdo em relação a qualquer conteúdo. O planejamento da aula, as escolhas metodológicas que preferencialmente abarquem os surdos, são de responsabilidade do docente e não do IEL. Pinto (2022, p. 17)

É responsabilidade do professor a organização da aula e a preocupação com o aprendizado dos alunos. O TILSE não substitui o papel do professor, mas atua como facilitador da comunicação entre o aluno surdo e o professor. Mas dado o conhecimento que o intérprete tem sobre a língua de sinais, do surdo e da cultura surda, o trabalho em conjunto deles dois pode trazer benefícios ao aprendizado

do aluno. Sobre a atuação do TILSE em sala de aula:

“há que se incentivar que intérpretes educacionais, de fato, sintam-se aptos e à vontade para sinalizar ao professor quando perceberem, a partir de suas experiências em atuar ou observar atuações de outros intérpretes educacionais, que o aluno surdo está necessitando de auxílio. É conveniente que o IEL seja ouvido pelo professor, de maneira que possa ser um parceiro na sala de aula e não aquele que é visto como responsável pela condução da aprendizagem do aluno surdo”. Pinto (2010, p. 19).

Nesse sentido, é recomendada a interação prévia entre ambos, onde possam ser pensadas estratégias e ações que ajudem no ensino do aluno surdo.

Envie com antecedência o material da aula ao TILSE

Como o TILSE atua em diferentes áreas do conhecimento, é importante enviar com antecedência materiais de apoio para as aulas, como textos, anotações, slides e outros recursos. Isso permite com que o intérprete pesquise termos e conceitos específicos antes da aula, o qual vai facilitar a comunicação do conteúdo.

Esteja atento a falta de sinais

A Libras é uma língua nova, reconhecida como meio legal de comunicação pela lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Por ser uma língua nova e em desenvolvimento, é comum a ausência de sinais em áreas específicas, como acontece com conceitos matemáticos. Essa lacuna representa um desafio que dificulta a atuação do TILSE em sala de aula de matemática.

Frente a falta de sinais para con-

ceitos matemáticos e como consequência a negociação de sinais em sala de aula, é importante a atuação conjunta entre professor, aluno surdo e intérprete: o professor traz o conhecimento científico, o intérprete que tem expertise na língua de sinais, do português e conhecimento da comunidade surda; e o aluno surdo que é o eixo central desse processo, contribui desde sua perspectiva visual, experiências e sua vivência como participante de sua própria cultura. Segundo Matias (2024):

O professor de matemática que tem surdos na sala, diante da ausência de um sinal, recebe um convite para produzir conhecimento etnomatemático. Ele é convidado a utilizar os aprendizados da convivência com surdos e a mobilizar os saberes da comunidade surda em conjunto com seus alunos para observar a matemática de forma a analisar os discursos visuais que são produzidos pelo próprio professor, pelos alunos e pelos TILSEs.

Segundo o autor, a falta de sinais pode ser entendida não como um problema mas como uma possibilidade pedagógica, onde os alunos podem participar e contribuir na discussão. Para que o processo de negociação de um sinal para um conceito matemático aconteça, é necessário que o conceito seja bem compreendido por todos os participantes. Além disso, é importante que o professor tenha conhecimento sobre a educação de surdos, promova a interação com o TILSE e garanta a interação do aluno surdo com seus colegas.

Aprenda o básico da Libras

A Libras é a língua reconhecida da comunidade surda no Brasil. Ela é autônoma e possui sua própria estrutura gramatical. Através da Libras é possível expressar quais-

quer tipos de informações e ideias, sejam elas concretas ou abstratas, e pode ser aprendida por qualquer pessoa interessada pela comunicação dessa comunidade.

Por ser uma língua visual-espacial, a comunicação em Libras depende fundamentalmente do contato visual, dessa forma, se as pessoas não se olham, não haverá comunicação. Mesmo que não haja um conhecimento em Libras, o olhar continua sendo fundamental, dessa forma, deve-se evitar falar por trás ou de costas para o aluno surdo. Além disso, é útil ter uma fala pausada mas sem exageros, utilizar expressões faciais, gestos indicativos para apontar um lugar, tempo ou pessoas, e gestos representativos que expressem ações ou objetos. Mas deve ficar claro que os sinais não são gestos, e que a língua de sinais não é mímica. Sobre esse ponto Gesser afirma:

Quando me perguntam se a língua de sinais é mímica, entendo que está implícito nessa pergunta um preconceito muito grave, que vai além da discussão sobre a legitimidade linguística ou mesmo sobre quaisquer relação que ela possa ter (ou não) com a língua de sinais. Está associada a essa pergunta a ideia que muitos ouvintes tem sobre os surdos: uma visão embasada na anormalidade, segundo a qual o máximo que o surdo consegue expressar é uma forma pantomímica indecifrável e somente compreensível entre eles. (Gesser 2009, p21)

Se a Libras for a primeira língua do aluno surdo, é recomendado que o professor aprenda, ao menos, um vocabulário básico dessa língua. Aprender os cumprimentos, os dias da semana, os membros da família e os elementos básicos do dia a dia escolar, é um primeiro passo. Além disso, é importante que o professor conheça o sinal do nome do estudante em Libras para

se referir a ele na sua Língua.

Para finalizar, cada estudante é único e possui necessidades específicas, por isso, o professor deve estar aberto ao diálogo e disposto a adaptar suas metodologias. O objetivo desse artigo foi apresentar algumas orientações práticas para lidar com a presença de alunos surdos em sala de aula, destacando a importância de reconhecer a surdez como uma diferença e não como limitação, de adotar um ensino que valoriza a experiência visual e de compreender a existência de uma cultura surda e entrar em contato com ela.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Lei nº 10.426, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos Surdos II. 1ed. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2007, v. 2, p. 100-131.

GESSEER, A. LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MATIAS, Eduardo. Tá na ponta do dedo: um estudo bibliográfico sobre falta de sinais matemáticos da libras nos Enemis. Monografia especialização em Ensino de Matemática. Universidade Federal Fluminense, 2024.

PINTO, G. M. F.; DE SEGADAS-VIANNA, C. C. Formação e atuação profissional de intérpretes educacionais de Libras em aulas de matemática. Revista Paranaense de Educação Matemática, v. 11, n. 24, p. 110-133, 2022.

RAMOS, Camila. Educação bilíngue para surdos: análise de práticas pedagógicas. Mestrado em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

SALES, E. R. A imagem no ambiente logo enquanto elemento facilitador da aprendizagem com crianças surdas. Monografia (Especialização em Informática Educativa), Centro de Ciências Humanas e Educação, Universidade da Amazônia, Belém, 2004.

NA ONDA DO EMAR



DICAS DO EMAR: CIDA BENTO E O PACTO DA BRANQUITUDE

POR ANNE MICHELLE DYSMAN
Professora Associada UFF
annemichelle@id.uff.br



Adica do EMAR nessa edição do JDL é Cida Bento e seu livro *O Pacto da Branquitude*.



Maria Aparecida da Silva Bento nasceu na zona norte de São Paulo em 1952. Vamos contar um pouquinho dessa história, do percurso de Cida Bento, doutora em Psicologia e uma das personalidades brasileiras de mais destaque na luta antirracista.

Cida Bento conta que em sua família eram oito irmãos. O pai, João, era motorista e a mãe, Ruth, foi servente em posto de saúde. Cida Bento sofreu na infância com manifestações de racismo no ambiente escolar: "Ao mesmo tempo, a escola não era um dos ambientes mais acolhedores

para nós. Por anos me senti invisível na sala de aula, como se não fizesse parte daquele lugar. [...] meus professores foram os principais responsáveis por essa minha sensação de não pertencimento." (Bento, 2022, p.12.) Conta que decidiu cursar magistério desejando ser uma professora diferente das que teve. Trabalhou por cinco anos em uma escola de emergência, mas se deu conta de que para estudar o problema que a inquietava teria que mudar de área. Então ingressou no curso de Psicologia, interessada em trabalhar com dimensões coletivas, enfocando as áreas social e organizacional. Foi a primeira pessoa da família a concluir curso superior. Construiu uma carreira de sucesso, passou por cargo executivo de destaque na iniciativa privada (atuando com área de recursos humanos), o qual abandonou para se dedicar ao trabalho e estudo no campo das questões de gênero e raça. Tornou-se co-fundadora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), uma instituição voltada para a pesquisa, assessoria e desenvolvimento de proje-

tos de intervenção direcionados ao combate às discriminações raciais e de gênero, sobretudo em instituições como escolas, empresas e órgãos públicos. Em 2015 Cida Bento foi nomeada pela revista *The Economist* como uma das 50 pessoas mais influentes do mundo no campo da diversidade. Em 2022 defendeu sua tese de doutorado na USP e publicou o livro *O Pacto da Branquitude*, uma obra de destaque para a luta antirracista, que agora em 2024 conquistou o Prêmio Jabuti.



O Pacto da Branquitude é um livro fundamental para o entendimento do racismo em nosso país. Quando tratamos do abis-

mo de desigualdade social e de seu caráter racializado (maior concentração de negros nas camadas mais pobres) é muito frequente nos voltarmos para questões históricas e associarmos este quadro a uma “herança da escravidão”. Embora essa seja uma perspectiva importante (de fato as origens das desigualdades raciais remontam a nosso passado escravocrata), essa formulação trata apenas de um lado da herança, fala somente dos que foram prejudicados, mas tende a omitir o outro lado, dos beneficiados, a branquitude. Quando se fala da desigualdade racial como uma herança da escravidão que atinge os negros até os dias de hoje o que não está dito é que há outro grupo que desde lá atrás até nossos dias é beneficiado com essa desigualdade. É esse grupo e suas dinâmicas de funcionamento que Cida Bento vai estudar. Depois de tantos estudos em que brancos investigam “a questão dos negros no Brasil”, Cida Bento muda o referencial e estuda a branquitude evidenciando a existência de um pacto narcísico que tem garantido em nossa sociedade a manutenção do privilégio branco ao longo do tempo. É um livro excelente, de leitura fluida, que precisa ser lido por todos. Para quem atua com educação e se preocupa com o racismo em nossa sociedade, é leitura indispensável! Esta é a dica do EMAR nesta publicação do Jornal Dá Licença.

EVENTOS DO EMAR

Novembro foi um mês muito especial para o EMAR. Em comemoração ao mês da consciência negra tivemos nosso primeiro evento presencial, uma oficina de Jogos Africanos.



A ideia inicial desta oficina foi da estudante Lu Sales (vice-presidente do Diretório Acadêmico do IME e bolsista do EMAR) e a realização se deu através de uma parceria entre o EMAR, o projeto Se Jogando na Matemática, o projeto Eventos do Dá Licença e o D.A.I.M.E. Assim surgiu a primeira edição do “Se Jogando no EMAR”. Nesta edição os participantes puderam conhecer e jogar 4 jogos africanos (Shisima, Yoté, Mancala e Fanorona). Além disso conversamos sobre possibilidades para desenvolvimento de atividades para sala de aula de matemática através destes jogos. A oficina foi ministrada pelas alunas Lu Sales (EMAR/DAIME), Karolayne Queiroz (EMAR/Se Jogando na Matemática) e pelos docentes Fábio Vinícius Silva Santos (EMAR/Coluni), Ana Maria Luz (EMAR), Mônica Souto (Se Jogando na Matemática) e Anne Michelle Dysman (EMAR).

O EMAR também organizou em novembro uma palestra online em parceria com o Projeto Eventos do Dá Licença, se você perdeu pode assistir à gravação no link <http://www.youtube.com/programadalicenca>



CLIQUE AQUI PARA ASSISTIR ONLINE



UMA HORTA ESCOLAR COMO EIXO DINAMIZADOR DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DECOLONIAIS

Palestra com Luciana Ferrari Espindola Cabral (CEFET-RJ) com participação de Julia Fleming e mediação de Ana Maria Luz (UFF).

CONHEÇA O EMAR

O Projeto Educação Matemática Antirracista (EMAR) foi criado no início de 2023, contando com participação de vários professores e estudantes do curso de Licenciatura em Matemática da UFF. Em 2024 se estendeu para configurar um grupo multidisciplinar de estudos voltados para Educação Antirracista com contribuições matemáticas. Sendo assim, atualmente agrega licenciandos e professores de diversas áreas do conhecimento (matemática, química, antropologia, sociologia, história, etc.)

Tem por objetivos planejar e desenvolver atividades voltadas para o atendimento às Leis 10.639/03 e 11.645/08, contribuir para a construção de caminhos para Educação Antirracista e Educação Matemática Antirracista possibilitando ações que favoreçam a perspectiva antirracista na formação docente.

Para participar ou obter mais informações, escreva para annemichelle@id.uff.br



EVENTOS

IX ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E HOMENAGEM AO PROGRAMA DÁ LICENÇA



Nos dias 08 e 09 de novembro de 2024, ocorreu o IX Encontro Estadual de Educação Matemática, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - FEBF/UERJ, em Duque de Caxias (RJ).

Durante o encerramento do evento, o Programa Dá Licença foi homenageado pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática do Rio de Janeiro

- SBEM-Rio (@sbem.rio) por sua relevância no âmbito da Educação Matemática e atuação na formação de professores no estado do Rio de Janeiro.



Professor Wanderley Rezende, coordenador do Programa Dá Licença, recebendo a homenagem no EEMAT

Situado no Instituto de Matemática e Estatística da UFF desde 1999, o Dá Licença busca contribuir para a formação inicial e continuada de professores que ensinam Matemática. São 25 anos de projetos, eventos, grupos de estudos e pesquisas na área da Educação Matemática, fruto do encontro de educadores em todos os níveis de ensino e estágios de formação. Em última instância, acreditamos ter constituído um espaço de afeto que deixa marcas nas pessoas que passam por aqui.

Foi uma alegria partilhar desta linda homenagem com outras figuras ilustres do campo, amigos de lutas e resistências, que trabalharam e trabalham diariamente para uma Educação Matemática inclusiva e emancipatória. Seguimos em busca de novos espaços!



HQEM PREMIADO MAIS UMA VEZ!



O trabalho "Quadrinhos no Ensino de Matemática: interpretando metáforas, construindo narrativas e aprendendo Matemática" do projeto História em Quadrinhos no Ensino de Matemática – HQEM foi novamente premiado pela PROEX – Pró-reitoria de Extensão da UFF. A apresentação da bolsista Raissa Portela ficou em primeiro lugar dentre as ações extensionistas do Instituto de Matemática e Estatística na 29ª Semana de Extensão da UFF, na categoria Educação.

Cabe lembrar que o projeto também foi premiado com o XVIII Prêmio Josué de Castro de Extensão, recebendo o prêmio de 2º lugar na área de Educação durante a Semana de Extensão da UFF em 2023.

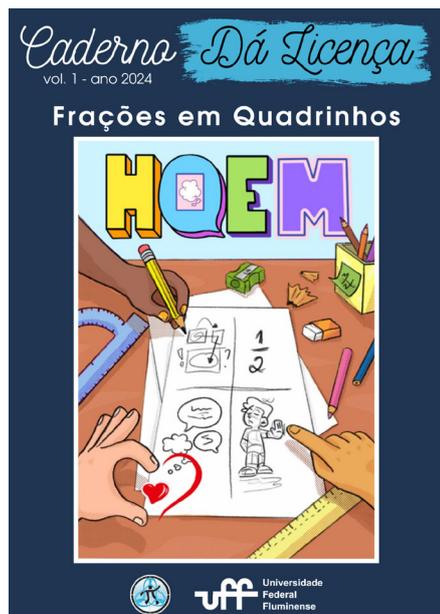
Parabéns à equipe de História em Quadrinhos no Ensino de Matemática pelo lindo trabalho desenvolvido, e de modo especial, para a bolsista Raissa Portela que apresentou as produções do grupo de modo brilhante.



LIVROS E LEITURA

RELEASE – VOLUME 1 DO NOVO CADERNO DÁ LICENÇA

Estamos felizes em anunciar o lançamento do primeiro volume do novo Caderno Dá Licença, Revista de Ensino e Extensão agora localizada como um Periódico UFF.



O Caderno Dá Licença é uma publicação destinada a professores que ensinam matemática com foco nas práticas de sala

de aula. Cada volume é organizado em torno de uma unidade temática, sempre marcado por propostas para a sala de aula de Matemática da Educação Básica e/ou formação de professores.

O volume um da nova versão do Caderno, intitulado “Frações em Quadrinhos”, foi organizado e produzido pelos membros da HQEM - História em Quadrinhos no Ensino de Matemática, projeto filiado ao Programa Dá Licença desde 2020. A publicação em questão reúne a produção do grupo nos últimos três anos.

“Frações em Quadrinhos” traz quinze propostas para a sala de aula de Matemática dos Anos Finais do Ensino Fundamental, nas quais os quadrinhos cumprem papel disparador no ensino de frações. A produção do grupo foi testada ao longo de diversas oficinas em escolas, cursos de formação de professores que ensinam matemática e eventos em Educação Matemática.

Além disso, essa edição também inclui um texto sobre as perspectivas da HQEM sobre o lugar das Histórias em Quadrinhos no ensino de matemática, artigos sobre experiências dos participantes com a produção e uso de HQ em sala de aula e uma apresentação especial escrita pelo Prof. Dr. Nilson José Machado.

O volume 1 do Caderno, “Frações em Quadrinhos”, pode ser acessado no endereço: <https://periodicos.uff.br/cadernodalicensa> ou pelo QR Code.



Em breve, o volume 2 do Caderno Dá Licença será anunciado. Fique ligado nas nossas redes!

VOZ DO DA

VALE TUDO PARA GANHAR O DCE?

Na última madrugada de sexta pra sábado (entre 06 e 07 de dezembro), aconteceu a apuração do processo eleitoral do Diretório Central de Estudantes Fernando Santa Cruz, marcando assim, a finalização de um curtíssimo processo eleitoral. Um processo marcado pela despolitização,

desmobilização e ausência de debates consistentes, teve como resultado a eleição mais esvaziada da história da UFF, o menor quórum histórico, sequer marcava 10% dos estudantes da graduação participando deste. Com a vitória da chapa que tentara reeleição, atingindo êxito no seu objetivo, temos como maiores derrotados, não as demais 3 chapas que disputavam, mas sim toda comunidade estu-

dantil acadêmica e o movimento estudantil da UFF, que diante de um cenário de subrepresentatividade, não enxergam mais nessa importante entidade de luta, espaço para construção coletiva.

IME EM UNIDADE

O Instituto de Matemática Estatística, mais uma vez, aposta em um projeto que nos encaixa e nos põe como protagonismo, a chapa 3 sai vitoriosa no nos-



so instituto, com incríveis 87% do total de votos depositados nesta urna. Fruto de um sólido trabalho de base, que coloca os estudantes como centrais, es- cutando as demandas do nosso instituto e não aparecendo so- mente em época de campanha para pedir voto. Esse resulta- do pode ainda ser reflexo do não apagamento da história, e evidenciando que o IME não se contradiz. Não tem como apoiar quem lá atrás foi contra o REUNI,

importante política responsável pelo investimento no nosso querido bloco H; não tem como apoiar aqueles que lá atrás eram contrários até mesmo à criação do curso da Estatística.

Em meio ao caos do deses- pero do grupo que dirige a atual gestão, tinha estudante de economia afirmando que os es- tudantes de estatística deveriam votar na chapa 2, promovendo inclusive a segregação interna- mente no instituto.

Mas aqui afirmamos: quem fala pelos estudantes de estatística, são os estudantes de estatística! Aqui ouvimos e respeitamos a posição dos nossos!

CONTATO DA



ime.da@id.uff.br



@daimeuff



21989142302 - Lu Sales

EVENTOS ONLINE



IV ENCONTRO INTERNACIONAL DO GEOGEBRA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Palestra de abertura: GeoGebra: Um Aliado nos Processos de Ensino, Aprendizagem e Investigação em Matemática

com Ana Maria D'Azevedo Breda
(Universidade de Aveiro – Portugal)

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



Palestra: Matemática recreativa, metodologia STEAM e pensamento computacional: o emprego do GeoGebra na formação do professor de matemática da Educação Básica

com Rudimar Luiz Nos (UTFPR)

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



Oficina: Aprendizagem por investigação: o uso do GeoGebra na compreensão das relações entre função polinomial e sua derivada primeira no Ensino Médio

com Daniel Felipe Neves Martins (Colégio Pedro II),
Brendow Pena de Mattos Souto
(Colégio Pedro II/UNIRIO)
e Diego Tranjan Viug (Colégio Pedro II)

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



Palestra: Construção e exploração da pirâmide utilizando a Calculadora Gráfica do GeoGebra 3D e a Realidade Aumentada

com Frederico da Silva Reis (PPGEDMAT/UFOP)
Silvio Luiz Gomes de Amorim (PPGEDMAT/UFOP)
Neuber Silva Ferreira (IFMG/Colaborador UFOP)

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



Palestra de encerramento: Pensamentos matemático e computacional com o GeoGebra

com Sérgio Dantas (UNESPAR)

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



Painel Científico 1 :
Ensino Fundamental

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



Painel Científico 2 :
Ensino Médio

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



Painel Científico 3 :
Ensino Superior

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



Painel Científico 4 :
Ensino Multidisciplinar

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



Painel Científico 5 :
Formação de professores

CLIQUE AQUI
PARA ASSISTIR
ONLINE



CONTATO E REDES



<https://apptuts.bio/programadalicenca>



dalicencajornal@gmail.com



[@programadalicenca](https://www.instagram.com/programadalicenca)



<http://dalicenca.uff.br/projetos/jornal/>



[/programadalicenca](https://www.facebook.com/programadalicenca)